



FLORA ARBUSTIVA-ARBÓREA EM ECOSISTEMAS CILIARES NO CARIRI PARAIBANO

Renally Cardoso Farias - UFCG, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Unidade Acadêmica de Tecnologia do Desenvolvimento, Sumé, PB. renallyfarias1@gmail.com;

Alecksandra Vieira de Lacerda - UFCG, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Unidade Acadêmica de Tecnologia do Desenvolvimento, Sumé, PB. Azenate Campos Gomes - UFCG, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Unidade Acadêmica de Tecnologia do Desenvolvimento, Sumé, PB.

Aline Daniele Barbosa da Silva - UFCG, Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, Unidade Acadêmica de Tecnologia do Desenvolvimento, Sumé, PB.

INTRODUÇÃO

A importância das matas ciliares vem sendo crescentemente referenciada e os termos que balizam o seu conceito as definem como formações vegetais do tipo florestal que se encontram associadas aos corpos d'água. Esses ecossistemas agem como corredores de fluxo gênico vegetal e animal, filtradores naturais dos corpos d'água. Evitam o assoreamento e erosão do solo, sendo responsável pelo clímax do ambiente, de forma que a ausência dessas matas provocam grandes desequilíbrios ecológicos, econômicos e sociais. Assim, é de extrema importância a conservação e manejo adequado dessas áreas, e para isso se faz necessário a ampliação de conhecimentos sobre a estrutura e funcionamento desses ecossistemas (Lacerda *et al.* 2010). Quadros como o delineado são também essenciais em áreas de Caatinga no semiárido paraibano. Neste Estado, a Caatinga é o principal ecossistema, ocupando 40.539 km² (71,64%) do território total. Dentre as peculiaridades marcantes desse ecossistema, as matas ribeirinhas que recobrem as margens aluviais dos rios intermitentes que cortam o Semiárido, são definidas como ambientes de exceção por apresentarem um padrão fisionômico e florístico diferenciado em relação a outras áreas na Caatinga. Todavia, a exemplo do que vem ocorrendo em outras regiões do Brasil, essas matas na Paraíba também vêm sendo degradadas por apresentarem os solos mais adequados à agricultura. Diante desse quadro de degradação da vegetação ribeirinha no semiárido paraibano e da crescente preocupação com a manutenção das funções ecológicas por elas desempenhadas, fica evidenciada a necessidade de iniciativas voltadas para sua conservação ou recuperação. Autores como Van den Berg e Oliveira-Filho (2000) têm apontado que estudos detalhados sobre a composição florística e a ecologia dos remanescentes dessas florestas são fundamentais para embasar quaisquer iniciativas para proteger, enriquecer, recuperar ou reconstituir esse tipo de vegetação. Desta forma, tem-se ratificado a relevância de trabalhos que busquem preencher grandes lacunas sobre o conhecimento e a quantificação de espécies típicas de áreas ribeirinhas da caatinga.

OBJETIVOS

Avaliar a composição florística em áreas ciliares de Caatinga, subsidiando dessa forma o estabelecimento de mecanismos que fortaleçam as estratégias de conservação e recuperação do meio degradado no Semiárido paraibano.

MATERIAL E MÉTODOS

Local de estudo O presente trabalho foi realizado ao longo de dois cursos d'água de regime intermitente no

município de Sumé – PB. Nesse sentido, o levantamento foi definido no riacho da Umburana (7°09' S e 34°51' W; 566 m de altitude - localizado na Fazenda Nova) e no riacho Pedra Comprida (7°39'19.7" S e 36°53'04.9" W; 524 m de altitude). Coleta e análise dos dados O levantamento florístico foi realizado através de caminhadas exploratórias e processadas de forma assistemática nas margens dos riachos, resultando na coleta quinzenal das espécies arbustivas e arbóreas. As espécies coletadas foram identificadas e/ou confirmadas através de consultas a especialistas e por meio de morfologia comparada usando bibliografia especializada e organizadas por família no sistema APG III (2009). Os resultados foram posteriormente comparados com pesquisas efetuadas em outras áreas ciliares.

RESULTADOS

Na área ciliar do riacho da Umburana foram registradas 57 espécies, ficando 48 identificadas no nível de espécie, três no genérico e seis permaneceram indeterminadas. As espécies identificadas ficaram distribuídas em 22 famílias e 42 gêneros. O componente predominante foi o arbóreo onde ocorreram 37 espécies, ficando, desse número, três indeterminadas e as restantes distribuídas por 15 famílias. Considerando as famílias com maior número de espécies e gêneros no estrato arbustivo-arbóreo tem-se Fabaceae com 14 espécies e 10 gêneros, Euphorbiaceae representada com oito espécies e seis gêneros, Anacardiaceae com três espécies e três gêneros. A maior parte dos gêneros (35) possui apenas uma espécie, ficando sete gêneros com mais de uma. No riacho Pedra Comprida a riqueza florística está representada por 33 espécies. Considerando as identificadas, estas ficaram distribuídas em 29 gêneros e 11 famílias. Do total de espécies registrado 22 foram do estrato arbóreo e 11 do estrato arbustivo. As famílias com maior representação em número de espécies e gêneros no estrato arbustivo-arbóreo foram Fabaceae com 14 espécies e 13 gêneros e Euphorbiaceae representada com quatro espécies e três gêneros.

DISCUSSÃO

O total de espécies arbóreas e arbustivas listado para as matas ribeirinhas é considerado expressivo ao se comparar com os números apresentados por Rodrigues e Nave (2004) quando analisaram 43 trabalhos realizados em florestas ciliares do Brasil extra-amazônico, em condições de clima e de altitude muito variáveis. Segundo esses autores o número de espécies arbustivo-arbóreas amostrado variou de 23 à 247 espécies nos trabalhos apresentados. Além disso, o total de espécies encontrado é também um número significativo quando comparado com o total de espécies lenhosas (475) levantado para todas as ecorregiões da Caatinga (Sampaio e Gamarra-Rojas 2003). As famílias Fabaceae e Euphorbiaceae estão relacionadas entre as oito mais ricas registradas em trabalhos realizados em florestas ciliares do Brasil extra-amazônico (Rodrigues e Nave 2004). Referindo-se aos gêneros, os dados apontam para uma tendência na vegetação ribeirinha estudada, a exemplo do que ocorre na Caatinga, em apresentar baixa diversidade dentro dos táxons. Especificamente para a Caatinga, este fato é também destacado nos trabalhos de Araújo *et al.* (1995).

CONCLUSÃO

Os dados gerados nesse trabalho se revestem como subsídios para a proposição de estratégias adequadas de conservação, manejo e recuperação de áreas ciliares degradadas de Caatinga no Semiárido, contribuindo diretamente para o desenvolvimento sustentável regional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP - APG III. 2009. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. Bot. J. Linn. Soc. 161:105-121.

ARAÚJO, E. L.; SAMPAIO, E. V. S. B. & RODAL, M. J. N. 1995. Composição florística e fitossociologia de três áreas de caatinga de Pernambuco. Revista Brasileira Biologia 55(4):595-607.

LACERDA, A.V., BARBOSA, F.M., SOARES, J.J. & BARBOSA, M.R.V. 2010. Flora arbustiva-arbórea de três áreas ribeirinhas no semiárido paraibano, Brasil. *Biota Neotropica* 10(4):275-284.

RODRIGUES, R. R. & NAVE, A. G. 2004. Heterogeneidade florística das matas ciliares. In: Rodrigues, R. R. & Leitão Filho, H. F., ed. *Matas ciliares: conservação e recuperação*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, p.45-72.

SAMPAIO, E. V. S. & GAMARRA-ROJAS, C. F. L. 2003. A vegetação lenhosa das ecorregiões da Caatinga. In: Jardim, E. A. G., Santos, M. N. C. Bastos & J. U. M., ed. *Desafios da botânica brasileira no novo milênio: inventário, sistematização e conservação da diversidade vegetal*. Belém: Sociedade Brasileira de Botânica, p.85-90.

VAN DEN BERG, E. & OLIVEIRA-FILHO, A. T. 2000. Composição florística e estrutura fitossociológica de uma floresta ripária em Itutinga, MG, e comparação com outras áreas. *Rev. Brasil. Bot.* 23(3):231-253.